Correio da AESE
PANORAMA
7.set.2022
N.807
AESE BUSINESS SCHOOL
www.aese.pt

Índice

A diversidade familiar: um mantra não tão inclusivo 1
Educação diferenciada e estereótipos sexuais 2
Do algoritmo à arte 3
"Além da Sala de Aula" 4

A diversidade familiar: um mantra não tão inclusivo

A aspiração a produzir "homens novos" – cidadãos que encarnem a perfeição das qualidades desejadas por uma ideologia – é um desejo de que não estão livres as sociedades democráticas. A campanha do governo espanhol a favor da diversidade familiar e sexual é um exemplo.

Num artigo que resume a tese do seu último livro, "100 Years of Identity Crisis: Culture War Over Socialisation", o sociólogo Frank Furedi situa nos finais do século XIX a origem das batalhas culturais que se desenrolam hoje. Foi nessa altura que o movimento progressista norte-americano se convenceu – ao qual a seguir se juntariam os socialistas e os liberais europeus, os eugenistas, os comunistas e os fascistas – de que "a forma mais segura de mudar a cultura e de substituir os valores tradicionais por valores modernos era mudar as atitudes dos jovens".

Todos eles pensavam que "um mundo novo exigia homens novos", e que o caminho para forjar esses cidadãos modelares passava por libertar as crianças e jovens "das superstições e costumes irracionais do passado".

Furedi distingue entre a doutrinação na escola, para a qual reserva a expressão "engenharia moral" (John Dewey), e a socialização. Enquanta esta procura introduzir as pessoas nos valores de uma sociedade – explica isso em "Spiked" (17.9.2021) –, a engenharia moral tenta inculcar-lhes costumes que carecem de apoio significativo e cujo objetivo é vir a criar uma procura.

O problema não é a educação cívica, mas a *reeducação n*uma visão concreta do mundo, que é apresentada aos alunos como a única admissível numa sociedade moderna. É o truque de qualquer doutrinação: fazer passar por valores exigíveis a todos aquilo que na realidade são questões discutidas entre os adultos ("Aceprensa", 20.5.2021).

Um exemplo é a insistência em levar à escola o ensino de que todos os modelos familiares se equivalem. Apesar do modelo preferido pela maioria continuar a ser a família de mãe-pai-filhos ("Aceprensa", 8.11.2017), os alunos de hoje devem crescer a pensar que todas as formas de convivência e de sexualidade são igualmente válidas.

Esta é a engenharia moral a que aludía Furedi: o ideal familiar em vigor numa sociedade é um, mas os governantes querem visibilizar e promover outro. Assim, a "Lei da infância", aprovada em junho de 2021 em Espanha, inclui a diversidade familiar entre os conteúdos transversais a transmitir "em todas as etapas educativas e independentemente da titularidade do centro escolar" (artigo 30).

E do novo currículo do ensino secundário (ESO), um dos objetivos do governo é que sirva para "conhecer e avaliar a dimensão humana da sexualidade em toda a sua diversidade", segundo a minuta do decreto redigida pelo Ministério da Educação.

Em teoria, o governo ergue essa causa para fomentar o respeito por qualquer pessoa, a rejeição da violência, da homo-

fobia, do assédio, da discriminação por motivo de sexo, raça, religião, deficiência, orientação sexual…, que são, com efeito, valores exigíveis a todos. Mas, na prática, vai mais longe e prescreve a equivalência dos modelos familiares. Com estas regras de jogo, não é fácil que os alunos se atrevam a interrogar-se se há estilos de vida mais valiosos do que outros, ou se todas as formas de convivência merecem o mesmo tratamento jurídico, sejam quais forem as suas funções sociais?

Entretanto, as autoridades promovem as formas de vida pelas quais optam. O município de Castellón, governado por três partidos de esquerda, causou polémica por doar 32 livros de temática LGTB a 11 institutos públicos. O ministério dos Direitos Sociais, liderado por Ione Belarra, quer aproveitar a Lei da diversidade familiar para reforçar a proteção de alguns modelos familiares, junto com outras medidas de aplicação geral.

Paradoxalmente, o mantra da diversidade familiar não trouxe mais variedade de opiniões. Hoje é mal visto interrogar-se sobre o que há de bom nesse tipo de diversidade. É possível que parte da variedade venha das ruturas familiares, nas quais nem todos encontrarão motivos para celebrar. E muito menos é claro, como dizia Nathan Hitchens, que o casamento entre pessoas do mesmo sexo traga mais diversidade aos filhos do que o formado por um pai e por uma mãe.

Outras vezes, o discurso sobre a diversidade contribui para reforçar o estereótipo que converte logo em homofóbicos os defensores do casamento entre homem e mulher. Neste sentido, é interessante a resposta que deu Ana Samuel, mulher hispânica, casada e mãe de seis filhos, doutorada em filosofia política, a um popular político homossexual dos EUA, Pete Buttigieg ("Aceprensa", 5.6.2019). O então presidente da câmara de South Bend (Indiana) e hoje ministro dos Transportes, casado com outro homem, queixava-se dos que eram amáveis com ele em pessoa, enquanto promoviam políticas contrárias ao seu estilo de vida. O que pressupõe uma ideia de tolerância que obriga a estar de acordo com a sua forma de ver as coisas.

E Ana Samuel replicou à chantagem, alegando que hoje as pessoas mais necessitadas de tolerância são as que defendem a família tradicional: "Assim, por favor, deixe de excluir-nos da conversa com o recurso intelectualmente desonesto de insinuar ou dizer que somos intolerantes. (…) Gostamos muito de trabalhar lado a lado com vocês, de tê-los como treinadores, vizinhos e amigos, mas não cruzem a linha de dizer-nos que valores sexuais somos obrigadas a apreciar e manter".

O governo PSOE-Unidas Podemos é um entusiasta da diversidade familiar, sexual e de género. Mas não o é tanto da diversidade de pontos de vista, que é precisamente a que permitiria aos alunos questionar as posições que o governo promove na sala de aula. Se para algo deveria contribuir a educação cívica, é para ensinar a respeitar os que pensam e vivem de forma diferente, seja Pete Buttigieg, ou seja Ana Samuel.

J. M.

Educação diferenciada e estereótipos sexuais

Muitas investigações analisaram como pode afetar o tipo de escola o fosso em matemática entre os sexos ("Aceprensa", 15.10.2021). Neste sentido, as escolas apenas para rapazes ou para raparigas constituem um campo de estudo: será que reforçam os estereótipos associados a cada sexo, aumentando consequentemente o fosso em matemática; ou, pelo contrario, contribuem para fechá-lo na medida em que evitam o fator comparativo?

A literatura científica não é concludente a esse respeito. Alguns estudos salientam que a diferença de resultados ou de preferências entre rapazes e raparigas não se reduz nos centros diferenciados; até aumenta. É o que refere um estudo irlandês. Não obstante, o alargamento do fosso em matemática observado nesta análise não se deve ao facto das alunas de escolas femininas obterem piores resultados do que as de mistas, mas ao facto dos rapazes das escolas masculinas terem melhores resultados em relação aos outros.

Não obstante, também há numerosos exemplos na literatura científica que sugerem um efeito positivo das escolas diferenciadas na redução do fosso em matemática. Um que se concentra nas estudantes suíças é especialmente interessante, pois baseia-se numa experiência real que foi atribuída de forma aleatória a um grupo de alunas em aulas mistas ou somente para raparigas, e sendo seguido o seu rendimento ao longo de quatro anos. As segundas obtiveram melhores notas em matemática, e desenvolveram uma maior confiança nas suas capacidades para esta matéria.*

Uma meta-análise de 2010 procura fazer um balanço das diferenças lado a lado nas investigações publicadas até então. Quanto ao fosso de resultados, salienta que muitos estudos apontam para que as escolas diferenciadas consigam reduzi-lo; muitos outros não mostram um efeito significativo, ou apenas para estudantes desfavorecidos; pelo contrário, muito poucos observam uma influência negativa. O mesmo pode dizer-se do fosso de vocações matemáticas (poucas raparigas a gostarem de carreiras técnicas): há numerosas investigações que relacionam o ensino diferenciado com uma escolha de estudos menos estereotipada por sexos, e outras tantas que não veem relação, mas existem poucos exemplos destas escolas alargarem o fosso.

Assim, embora a literatura científica não apresente uma avaliação unânime do efeito que podem ter os diversos tipos de escola no chamado "fossso de ciências", pelo menos parece que, em determinados contextos, o ensino diferenciado pode ser útil para minimizá-lo. Como acontece sempre no mundo da educação, talvez o mais determinante seja o ambiente que desencadeie cada professor na sua sala de aula. Perguntámos a algumas docentes de Matemática, de escolas mistas e diferenciadas, para nos contarem a sua experiência.

Natalia é professora de Matemática num instituto misto de Madrid desde há mais de dez anos. Dá aulas a estudantes do Secundário. Segundo contou a "Aceprensa", não constatou um fosso por sexos quanto aos resultados, mas sim no relacionado com a atitude para com a cadeira lhes interessar menos a elas.

Quando lhe foi perguntado se percebeu uma maior insegurança nas suas alunas, admite que nunca havia reparado nisso, mas que certamente lhes custa muito mais ir para o quadro resolver exercícios diante de toda a classe que aos seus companheiros. Maior medo do fracasso? "Pode ser".

Por outro lado, constata que muito menos alunas do que alunos pretendem dedicar-se a estudos técnicos. Existe, comenta, como que uma predisposição afetiva nas mulheres para pensarem em termos de "onde posso ajudar mais". Natalia atribui isso fundamentalmente a estereótipos culturais.

Quanto a se as escolas só para raparigas podem contribuir para reduzir o fosso matemático, assinala que, embora não seja defensora destas escolas no plano global, talvez ajudem as raparigas no aspeto concreto de diminuir a pressão na ida ao quadro da sala de aula. "Os rapazes vão para lá sem problemas; se se enganam, não interessa. Mas com as raparigas não acontece o mesmo".

Gema, que também é professora de Matemática, deu aulas tanto em escolas só para raparigas como em mistas, e agora trabalha noutra que mistura aulas de um tipo e de outro. Em parte, a sua experiência coincide com a de Natalia: no ensino pós-secundário (em Espanha, o chamado bachillerato), a cadeira de biologia é escolhida sobretudo por raparigas, enquanto que na de desenho técnico os rapazes constituem maioria. Não obstante, salienta com orgulho que, nos últimos anos letivos do ensino pós-secundário (misto), muitas raparigas optaram por engenharia.

Salienta que o objetivo deveria ser oferecer igualdade de oportunidades para que cada estudante escolha o que quiser, mais do que fechar a todo o custo o fosso por sexo em vocações "técnicas". Por outro lado, não está segura de se este se deve a estereotipos culturais ou a questões psicológicas: "Isso deveriam dizê-lo os neuropsicólogos". Contudo, observa uma diferença quanto à forma de abordar a matemática: elas, em geral, são mais trabalhadoras, e embora lhes costume custar mais "ver" as coisas à primeira, podem chegar tão longe como os rapazes.

Aquilo que constatou é que aos concursos matemáticos organizados pela sua região (concretamente, o Concurso de Primavera da Facultad de Matemáticas da Universidad Complutense), se apresentam mais rapazes e que as notas são mais altas para eles em todas as idades, especialmente no pós-secundário.

F.R.-B.

Do algoritmo à arte

Os algoritmos e a inteligência artificial (IA) abarcam uma enorme quantidade de funções: desde a deteção de doenças e a visualização de publicidade personalizada, até ao reconhecimento facial e a concessão de uma hipoteca. Mas, como com tantas outras coisas, também têm uma aplicação criativa. Concretamente, uma aplicação na arte para, entre outros aspetos, detetar fraudes e reconstruir obras.

No ano passado, na National Gallery de Londres, um algoritmo soltou o alarme: o Rubens comprado por 2,5 milhões de libras em 1980 – na altura, um preço recorde – era com grande probabilidade "não autêntico". A obra em questão é "Sansão e Dalila", considerada uma das peças mais destacadas do museu, e que há anos vem provocando crispação e dúvidas entre os peritos e críticos de arte, por conter incongruências com o estilo característico de Peter Paul Rubens.

A IA que confirmou as suspeitas destes especialistas pertence à Art Recognition, uma empresa suíça especializada na autentificação de obras de arte mediante *data science.* Segundo o relatório da análise, "o sistema de inteligência artificial avaliou que "Sansão e Dalila" não é uma obra de arte original feita por Rubens com uma probabilidade de 91,78 %". Pelo contrário, outra obra do pintor exposta na National Gallery – "Uma vista do Het Steen na madrugada" – também foi analisada e considerada autêntica com uma probabilidade de 98,76 %.

Em declarações ao "The Guardian" (26.9.2021), Katarzyna Krzyżagórska-Pisarek, historiadora de arte que tem vindo há anos a questionar as atribuições de várias obras a Rubens, considera este novo método de autentificação através de IA como "potencialmente revolucionário. Desprovido de subjetividade humana, emoção e interesses comerciais, o *software* é friamente objetivo e cientificamente preciso".

A aplicação da IA à arte não se limita apenas a verificar obras criadas por artistas de carne e osso. Também começou a ser utilizada na restauração e recuperação de obras parcialmente danificadas ou completamente destruídas.

Um exemplo foi a recuperação de três obras de Gustav Klimt, destruídas pelos nazis num incêndio em 1945. Trata-se das "Pinturas da Faculdade", um conjunto de três peças alegóricas criadas para o teto da Aula Magna da Universidade de Viena, chamadas "Filosofia", "Medicina" e "Jurisprudência".

Até há pouco tempo, os estudiosos e interessados nestas obras de Klimt tinham de se contentar com fotografias a preto e banco das obras, perdendo-se uma das caraterísticas mais destacadas de Klimt: o seu uso das cores. Mas agora, graças à cooperação estabelecida entre o Google Arts and Culture e o Museu Belvedere de Viena, e através da IA, os espectadores podem contemplar uma aproximação muito conseguida de como deviam ser as cores originais das obras.

Franz Smola, conservador do museu Belvedere, e Emil Wallner, engenheiro no Google Arts and Culture Lab, trabalharam em conjunto no projeto para criar um algoritmo que pudesse gerar com precisão a cor das "Pinturas da Faculdade".

O resultado "a cores" foi conseguido mediante o desenvolvimento de uma ferramenta que recolheu e analisou informação sobre como usava Gustav Klimt a coloração. Tal como se explica no relatório publicado, o conjunto de dados com o qual "se alimentou" o algoritmo, incluía descrições jornalísticas contemporâneas das "Pinturas da Faculdade", 1 milhão de imagens do mundo real, 91 000 imagens de obras de outros artistas e 80 reproduções, todas a cores, de pinturas de Klimt do mesmo período.

Segundo uma declaração de Smola, o resultado foi surpreendente, porque "pudemos fazer a coloração, inclusivamente, nos lugares onde não tínhamos informação".

Um exemplo das verdadeiramente belas descrições que se incluíram neste conjunto de informação, foi a do crítico de arte Ludwig Hevesi sobre "Jurisprudência". "Três deusas vingadoras de forma aterradoramente bela, com serpentes douradas no cabelo, rodeiam-no ameaçadoramente. (…) Um inferno de luxo, onde os instrumentos dourados de tortura estão incrustados com diamantes e os mártires sangram rubis".

Com esta inovadora – e para muitos benéfica – aplicação da IA e dos algoritmos na arte, surge a dúvida de até onde é correto ir, ou seja, quais os seus limites éticos.

Em conversa com "Aceprensa", Ilia Galán Díez, professor titular de Estética y Teoría de las Artes pela Universidad Carlos III de Madrid, comentou: "A obra de arte é uma produção humana e se a manipulamos pode ter consequências éticas. Por exemplo: a mentira. Se fazemos dela algo que não foi e a mostramos como tal. Mas se a reconstrução for feita como hipótese, pode aceitar-se se for mostrada como tal".

A sua opinião relativamente à reconstrução de obras perdidas é clara. "Recuperar grandes obras perdidas é um sucesso da humanidade que foi feito já muitas vezes, especialmente depois de guerras ou incêndios. É devolver à humanidade o que se perdeu, assim como é bom difundir a sua obra se esta traz algo de bom à sociedade".

Segundo Galán Díez, identificar e conhecer pode sempre ser considerado bom e ético: "A sabedoria (como Verdade) é um traço que se junta à Bondade e à Beleza desde há centenas de anos". Perante a questão ética de aplicar a IA à arte, não tem dúvidas: "É ético usar a inteligência artificial para fazer o bem e transmitir o bom como tal".

H. F. V.

"Além da Sala de Aula"

"Beyond the Blackboard"

Realizador: Jeff Bleckner
Atores: Emily VanCamp, Steve Talley
Duração: 95 min.
Ano: 2011

A professora retratada nesta história é real e o seu percurso já vem sendo reconhecido desde há algum tempo. O filme procura dar ainda mais visibilidade à forma genuína de como uma rapariga vai lidar com o problema de ter de ensinar crianças de um bairro desfavorecido, composto na sua maioria por emigrantes "de passagem", de famílias em graves dificuldades e que à partida não dispunha de um grande apoio social, por desconhecimento da real situação ali vivida.

A relação que ela vai estabelecer com os alunos é inspiradora, pois sabe ir ao encontro de cada um, em vez de tentar impor os seus métodos teóricos e sem aplicação na prática. Mas o decisivo é que traçou um plano, apoiada no seu marido e nos seus próprios filhos ainda pequenos. Da sua parte, uma dedicação em fazer melhorar o que está ao seu alcance, como a limpeza e a ordem da sala, ou o tom de voz com que fala. Por outro lado, vai socorrer-se de quem a pode ajudar: de alguns adultos do bairro que só esperam por uma oportunidade para revelar os seus talentos e também dos responsáveis pelos apoios sociais. Fala com eles. Apresenta-lhes uma "visão" de como tudo poderia funcionar e melhorar, apresentando soluções concretizáveis. Consegue que visitem o espaço e que vejam o que se passa no terreno… A partir daqui, os resultados são imparáveis…

Tópicos de análise:

1. A confiança ganha-se e alimenta-se no contacto pessoal.
2. Apresentar soluções concretas e reais, motiva a agir.
3. O exemplo de empenho pessoal inspira outros a ajudar.

Hiperligação

Paulo Miguel Martins
Professor da AESE

Além da Sala
de Aula